

NÓS E ELES: A NORMALIZAÇÃO DO RACISMO E DOS ESTEREÓTIPOS RACIAIS NAS REDES SOCIAIS

Bruna Kauane Bento Santos¹¹, Damille Bacelar do Rosário², Elaine Cardozo Dantas³, Felipe Silva Sales⁴, Gabriela Viana Santos⁵, Gidoana dos Santos Silva⁶, Gislaine Santos Teixeira⁷, Kemilly Larissa Silva Rodrigues de Souza⁸, Maiara Silva de Paula⁹, Raiane Da Cruz Moreira¹⁰, Stefany Silva Santos¹¹, Vivian Moraes Souza¹², Railma Valéria Dantas Pereira¹³

RESUMO

O presente estudo, de natureza teórico-descritiva e fundamentado em revisão de literatura, analisa como as redes sociais atuam na reprodução e no reforço dos preconceitos raciais. Baseado na Teoria da Identidade Social de Tajfel (1982), compreende-se que os indivíduos tendem a favorecer seu grupo de pertencimento (“nós”) e desvalorizar os demais (“eles”). Por meio de análise documental de interações entre usuários de plataformas digitais, observou-se que as mídias sociais intensificam a disseminação de estereótipos e discriminações, sustentadas por curtidas, compartilhamentos e algoritmos que validam o grupo dominante. Apesar da aparência de igualdade, o ambiente virtual reproduz dinâmicas de poder e desigualdades históricas. Conclui-se que são necessárias estratégias educativas e ações críticas que promovam a equidade racial e o uso ético das tecnologias digitais.

Palavras-chave: Discriminação racial, redes sociais, microagressões.

INTRODUÇÃO

A Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel (1982), aponta que os indivíduos tendem a favorecer o grupo ao qual pertencem (“nós”) e a desvalorizar os demais (“eles”). No ambiente virtual, essa dinâmica é intensificada, uma vez que curtidas, compartilhamentos e algoritmos reforçam a aprovação social do grupo dominante, legitimando discursos preconceituosos e a disseminação de microagressões contra minorias raciais. As redes sociais, ao priorizarem conteúdos semelhantes, acabam por criar comunidades homogêneas, nas quais circulam ideias e crenças convergentes, fortalecendo a visibilidade e o poder simbólico dos endogrupos. Dessa forma, a noção de comparação social proposta por Tajfel contribui para

¹ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802410181@ulife.com.br; ² Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802410833@ulife.com.br; ³ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802410645@ulife.com.br; ⁴ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411098@ulife.com.br; ⁵ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411083@ulife.com.br; ⁶ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411653@ulife.com.br; ⁷ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411768@ulife.com.br; ⁸ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802410358@ulife.com.br; ⁹ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411905@ulife.com.br; ¹⁰ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802410468@ulife.com.br; ¹¹ Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411681@ulife.com.br; ¹² Faculdade AGES de Jacobina, e-mail 802411707@ulife.com.br. Faculdade AGES de Jacobina, docente, railma.pereira@ulife.com.br.

compreender como o ciberespaço se configura como um território de exclusão simbólica e de manutenção de estereótipos, reproduzindo, em novas formas, antigas desigualdades sociais.

MÉTODOS

O estudo fundamentou-se no método de análise documental, com o objetivo de compreender como os discursos presentes nas redes sociais contribuem para a disseminação de estereótipos e preconceitos raciais. Conforme aponta Cellard (2008), esse método possibilita interpretar o contexto histórico e social no qual os registros são produzidos, configurando-se como uma técnica essencial na pesquisa qualitativa. A coleta e seleção dos materiais foram realizadas manualmente pelos integrantes do grupo, a partir de artigos acadêmicos, produções digitais e textos institucionais provenientes de fontes reconhecidas, o que garantiu a confiabilidade e validade das informações. O referencial teórico apoiou-se nas contribuições de Henri Tajfel e John Turner (Teoria da Identidade Social), Gordon Allport (estudos sobre o preconceito), Tarcízio Silva (racismo algorítmico) e Serge Moscovici (Teoria das Representações Sociais e das Minorias Ativas).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As mídias sociais configuram-se como espaços de reprodução de preconceitos raciais e estereótipos, semelhantes aos que ocorrem em contextos presenciais. Embora aparentem promover igualdade e liberdade de expressão, sob a ótica da Psicologia Social, funcionam como territórios de legitimação de discursos discriminatórios, sustentados por processos psicossociais que moldam o comportamento coletivo e a percepção social. De acordo com a Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel (1982), o autoconceito e o pertencimento grupal influenciam diretamente atitudes e interações. No ambiente virtual, essa dinâmica manifesta-se por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários que reforçam discursos dominantes e, muitas vezes, preconceituosos (Paulo et al., 2025). A comparação social, elemento central da teoria, distingue o “nós” do “eles” e sustenta hierarquias simbólicas nas quais grupos majoritários propagam narrativas que desvalorizam minorias étnico-raciais (Freitas et al., 2023).

A categorização social, também descrita por Tajfel, simplifica a realidade, mas favorece a construção de estereótipos negativos sobre grupos externos (Allport, 1954). Para Torres e Neiva (2011), a diferença é interpretada como defeito, e o preconceito orienta ações discriminatórias daqueles que detêm poder. Nesse sentido, o preconceito racial constitui-se como fenômeno histórico e multidimensional, manifestando-se em níveis individuais,

culturais e institucionais. Allport (1954) o define como uma atitude hostil e inflexível, baseada em generalizações sem análise consciente, o que ajuda a compreender as redes sociais como novos espaços de propagação de preconceitos, onde atitudes discriminatórias se disfarçam sob a aparência de neutralidade comunicativa. Conforme Silva (2020), o preconceito manifesta-se nas redes por microagressões sutis, como piadas e comentários, que intensificam o racismo online e algorítmico, reforçando discursos de supremacia branca.

As contribuições de Moscovici (2011), com a Teoria das Representações Sociais e a Teoria das Minorias Ativas, explicam como ideias e discursos se disseminam até se consolidarem socialmente. O conflito de ideias é essencial para romper narrativas dominantes e reconstruir representações sociais. Segundo o autor, minorias ativas produzem novos significados e desafiam a hegemonia, promovendo revisões de valores e condutas.

A linguagem, como destaca Silva (2020), constitui instrumento de reprodução das dominações sociais, evidenciado em publicações que associam pessoas negras à criminalidade ou à baixa escolaridade, reforçando distinções raciais e limitando o senso de pertencimento. Assim, conforme Tajfel e Turner (1979, apud McLeod, 2023), o processo de categorização social reforça estereótipos e privilégios do endogrupo, perpetuando desigualdades históricas.

A banalização de discursos pejorativos nas redes e a ausência de regulação das plataformas naturalizam práticas discriminatórias e inibem a reflexão crítica. Os algoritmos digitais, ao amplificarem conteúdos polarizadores, consolidam a oposição entre “nós” e “eles” e dificultam a construção de uma consciência social crítica sobre as dinâmicas de exclusão no ciberespaço (Moscovici, 2011).

CONCLUSÕES

À luz da Psicologia Social, os ambientes virtuais configuram-se como espaços de manutenção e reforço das identidades sociais, nos quais os processos de categorização, comparação social e pertencimento sustentam dinâmicas de exclusão e hierarquização simbólica. O sujeito utiliza sua metacognição e percepção social para processar informações e situar-se em seu contexto — virtual ou presencial —, construindo seu autoconceito, entendido não apenas como um repositório de experiências autobiográficas, mas como a forma pela qual se percebe e se posiciona diante das estruturas sociais.

Embora a sociedade tenha demonstrado avanços e rupturas em relação à sua construção histórico-social, tais mudanças ainda não alcançaram plenamente os mecanismos subjacentes às relações intergrupais. A reconfiguração social, cultural e política promovida pelas tecnologias e pela convergência midiática criou um ambiente em que a impunidade circula livremente, e a consciência social crítica encontra espaço para expressar-se, muitas vezes, de forma anônima, preconceituosa e discriminatória, utilizando-se da viralização retórica da informação.

Torna-se, portanto, necessária uma investigação aprofundada sobre a formação, manutenção e consequências da identidade social, de modo a compreender o comportamento dos usuários e utilizar os mesmos mecanismos para promover conteúdos educativos e antidiscriminatórios. De forma articulada, propõe-se o desenvolvimento de ações punitivas e pedagógicas que desestimulem práticas preconceituosas e a reprodução de visões hierarquizadas do mundo, nas quais a cor da pele ou o status social legitimam microagressões e exclusões simbólicas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. Racismo algorítmico e microagressões nas redes sociais. **Domínios de Linguagem**, v. 18, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/XXXX>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BARBOZA, M. S. S.; CAMINO, C. P. S. Teoria das Minorias Ativas. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 245-247. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/sjNVQjQXWHQfjpWWMH6W6PM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2025.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <https://share.google/BoBa7TZKW51mQ6API>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FREITAS, A.L. et al. Bases sociocognitivas do discurso de ódio online no Brasil: uma revisão narrativa interdisciplinar. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 16, e46002, 2023. DOI: 10.1590/1983-3652.2023.46002. Acesso em: 5 nov. 2025.

MANUEL, D. F. et al. **A origem do preconceito**. Porto Velho: Centro Universitário de Itajubá – FEPI, 2019. Disponível em: https://revista.fepi.br/revista/index.php/article/viewFile671/pdf_70. Acesso em: 5 nov. 2025.

MCLEOD, S. Social Identity Theory In Psychology (Tajfel & Turner, 1979). **Simply Psychology**, 5 out. 2023. Disponível em: <https://www.simplypsychology.org/social-identity-theory.html>. Acesso em: 07 nov. 2025.

MOSCOVICI, S. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis, RJ: Vozes. Z. 2011. Acesso em: 6 nov. 2025.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: uma investigação em Psicologia Social. 2003. Petrópolis, RJ: Vozes. Acesso em: 6 nov. 2025.

PAULO, R. B. de et al. Racismo e preconceito nas redes sociais digitais: pesquisa com estudantes do ensino médio. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 30, n. e84256, p. 1–20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/84256>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PEREIRA, C.; TORRES, A. R.; ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Goiás, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100010>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA, T. (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020. p. 34-35. Acesso em: 7 nov. 2025.

TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (orgs.). **Psicologia social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jaqueline-Jesus/publication/233858517_Atracao_e_repulsa_interpessoal/links/61e2124e9a753545e2d00ca6/Atracao-e-repuls-a-interpessoal.pdf. Acesso em: 5 nov. 2025.